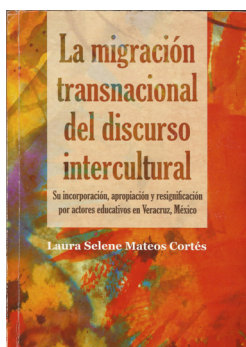


# RESEN DE LI

---

RESENHA  
DE LIVRO



**LA MIGRACIÓN TRANSCULTURAL DEL DISCURSO INTERCULTURAL: SU INCORPORACIÓN, APROPIACIÓN Y RESIGNIFICACIÓN POR ACTORES EDUCATIVOS EN VERACRUZ, MÉXICO**, por Laura Selene Mateus Cortés. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2011. 256 p.

**Raimundo Nonato F. do Nascimento**

Doutorando em Antropologia/PPGA/UFPE/Bolsista CAPES

Vivemos em um mundo onde os processos de globalização provocam constantes transformações, que tendem a encurtar as distâncias e aproximar os povos. Neste processo de aproximação cultural, vivenciamos uma contínua importação e exportação de conceitos, ideologias e significados que, por sua vez, ao serem incorporados a outras realidades passam por um processo de resignificação, na tentativa de explicar as mudanças nas realidades que o cercam.

É justamente sobre esse processo de resignificação de conceitos, discursos e ideologias que Laura Selene Mateus Cortés, pesquisadora do Instituto de Investigação em Educação da Universidade Veracru-

zana – México, se dedica em seu recente trabalho - *La migración transcultural del discurso intercultural: Su incorporación, apropiación y resignificación por actores educativos en Veracruz, México*. Nesse livro, além de demonstrar os processos de migração de discursos, a autora analisa em nível micro como estes vão sendo incorporados, adotados e difundidos em uma dada sociedade. Para tanto, parte de uma perspectiva antropológica por acreditar que esta permitirá distinguir os elementos socioculturais que os sujeitos levam em conta para interpretar e definir um determinado discurso. Assim sendo, recorre à etnografia, para analisar de forma comparativa e transversal como “o discurso intercultural” - tema central do trabalho - vem sendo adotado e difundido na América Latina, e precisamente no estado de Veracruz - México, através de três estudos de caso.

O trabalho tem como objetivo central conhecer as diferentes formas em que é definida a interculturalidade pelos Agentes Técnicos Pedagógicos da Secretaria de Educação de Veracruz no primeiro caso, acadêmicos pesquisadores da Universidade Veracruzana no segundo caso e por professores das recém-criadas Universidades Interculturais no terceiro caso. É importante ressaltar que, além do objetivo de conhecer as diferentes concepções de interculturalidade, a autora analisa os elementos que intervêm na construção destas definições. Dessa forma, parte do pressuposto de que as noções de interculturalidade não se produzem do nada, mas respondem a processos que formam os sujeitos e os contextos em que se desenvolvem. Ao analisar o discurso

intercultural, Mateus Cortés afirma que a interculturalidade ou o intercultural não é algo novo enquanto termo; o que é novo, neste caso, é a proposta ideológica subjacente. Tal proposta visa responder a lógicas econômicas, políticas e socioculturais, sendo que os inúmeros conceitos e significados da interculturalidade são gerados a partir dos contextos, da cultura, da classe social, e da tradição de conhecimento na qual se anunciam. Um exemplo desta situação é a forma como o discurso intercultural é percebido na Europa e na América Latina, onde a figura do imigrante, no primeiro caso, e do indígena, no segundo, desempenham um papel central.

O livro está organizado em seis capítulos, os quais seguem uma sequência lógica que nos oferece os subsídios necessários para compreender como o discurso intercultural foi sendo definido, adotado e reconfigurado em busca de soluções concretas à crise dos sistemas educacionais em sociedades multiculturais e/ou pluriculturais. Mateus Cortés inicia sua análise apresentando seu “objeto” de estudo e, ao contextualizá-lo, demonstra como este chega à América Latina e como foi sendo incorporado a esta realidade. Seguindo essa perspectiva, no segundo capítulo, analisa o discurso intercultural como um fenômeno transnacional que enlaça, fertiliza e hibridiza diferentes tradições disciplinares e nacionais. Assim, faz um breve balanço das origens do discurso intercultural para em seguida ponderar sobre a relação que a educação intercultural mantém com as políticas de identidade nacional e as estruturas identitárias das instituições que as promovem. Segundo sua linha de raciocínio, em tais estruturas sub-

jazem a implementação, adoção e adaptação dos diferentes modelos educativos, e este contexto nacional e institucional é crucial na avaliação da traducibilidade dos discursos e modelos educativos de um contexto a outro.

Segundo Mateus Cortés, para se compreender um determinado discurso é necessário analisar as condições socioculturais que o geram, uma vez que os emissores deste podem designar distintos significados aos termos utilizados. Desta forma, ao falar de interculturalidade devemos ser reflexivos e críticos de nossos próprios discursos, já que o termo se constrói histórica e contextualmente. E, dependendo da conjuntura e dos interesses institucionais dos atores envolvidos no processo, o leque do que se define como intercultural parece ser limitado, o que gera uma polissemia da interculturalidade que se constitui em um campo de forças políticas em que os diferentes atores se encontram construindo seus sentidos e práticas.

Frente a essa realidade polissêmica do discurso intercultural, Mateus Cortés afirma que, para entender as divergências e convergências da noção de interculturalidade, é necessário colocar em diálogo as dimensões teóricas e práticas, bem como as dimensões descritivas e prescritivas do discurso intercultural, pois esse diálogo possibilitará descobrir sua “gramática discursiva”. Ainda segundo a autora, para entender como determinados atores se apropriam do discurso intercultural, como o importam e aplicam em seus respectivos contextos acadêmico, políticos e pedagógicos, é necessário em primeiro lugar fazer uma distinção entre o plano de fatos ou dos eventos (“plano factico o de

los hechos") e o plano normativo ou das propostas sociopolíticas ou éticas, para assim separar conceitualmente os discursos descritivos ou analíticos dos discursos propositivos ou ideológicos acerca da interculturalidade. Em segundo lugar, é necessário distinguir os modelos de gestão da diversidade que se baseiam no reconhecimento das diferenças, daqueles que fazem ênfase na interação dos membros dos diferentes grupos que compõe a sociedade. Nesse sentido, percebe-se que a proposta da autora coaduna-se com o pensamento de Dietz (2012).

Ao colocar em diálogo as perspectivas teóricas e práticas do discurso intercultural, para encontrar as divergências e convergências, bem como as formas de construção e adaptação que experimenta a noção de interculturalidade nos três grupos pesquisados, a autora explora o que ela vem chamando de "campos de transferências", ou seja, para onde migram os discursos interculturais e as possíveis resistências que geram nas interações locais e institucionais. Para tanto, propõe o estudo de quatro categorias heurísticas na análise deste processo: a) divergência cultural inicial dos atores estudados a partir de seus itinerários formativos, as instituições a que pertencem e as formas de aproximação à interculturalidade; b) modelos culturais internos, que apresentam cada um dos atores remetendo à sua tradição do conhecimento que guiam os sujeitos e grupos com os quais se identificam; c) os intermediários de cada grupo entre os que se distinguem como emissores destes, com autoridade para teorizar e traduzir discursos e os receptores que acolhem e recebem tal teorização; d) qua-

dro de referência (pantalha) linguística que se utiliza de forma individual e coletiva e que faz referência ao vocabulário utilizado para transportar os conceitos e conhecimentos.

É, portanto, a partir das categorias acima citadas que autora analisa os discursos dos três grupos de atores, a saber: os Agentes Técnicos Pedagógicos da Secretaria de Educação de Veracruz e representantes da formação nas escolas normais superiores de Veracruz, os acadêmicos da Universidade Veracruzana e os novos professores das recém-criadas Universidades Interculturais. Deste modo, a autora identifica e analisa as formas pelas quais se concebem e constroem as definições acerca da interculturalidade pelos distintos grupos e atores, assim como as transferências, os intermediários e protagonistas desta emissão e apropriação de discursos.

Os resultados dos discursos analisados são apresentados em três capítulos (dos seis que compõem o livro). No capítulo três a autora analisa de forma particular os discursos dos sujeitos relacionados com a Secretaria de Educação em Veracruz (SEV), México, estes na maioria Agentes Técnicos Pedagógicos, e pessoas relacionadas com o Instituto Nacional Indigenista, além dos professores da Escola Normal Superior de Veracruz. O objetivo é verificar como estes atores entraram em contato com e como foram construindo suas próprias noções acerca do discurso da interculturalidade. Nesse processo analítico, a autora faz uma contextualização histórica do sistema educativo mexicano demonstrando a relação deste com o Estado-nação, e os víncu-

los que se estabelecem entre eles, assim como, o papel que a escola desempenha frente ao Estado nacional.

Já no quarto capítulo, a autora considera os discursos de um grupo de acadêmicos da Universidade Veracruzana, cuja diferença em relação aos sujeitos anteriores vem de sua vertente mais erudita, tendo uma maior experiência tanto em aspectos formativos como investigativos; trata-se de um grupo de investigadores do Instituto de Investigação em Educação e do Seminário em Educação Multicultural de Veracruz. De igual maneira, o objetivo consiste em mostrar as diferenças entre os sujeitos denominados “ideólogos” e “instrutores”, bem como ressaltar o trabalho que estes realizam para definir e trabalhar em prol da interculturalidade. No quinto capítulo, investiga-se como os professores da Universidade Veracruzana Intercultural constróem sua noção de interculturalidade, uma vez que estes atores trabalham em setores marginalizados e muito longe de oportunidades educativas em nível superior.

Após apresentar as análises dos três casos estudados, no sexto e último capítulos a autora faz um resumo dos resultados comparativos, ressaltando as confluências e influências entre os três tipos de atores analisados e, também, identifica as emergentes funções de intermediação e tradução que os atores desempenham em seus respectivos campos de transferências de discursos e significados. Dessa forma, demonstra que estes atores não se limitam a uma simples reprodução do discurso institucional hegemônico, seja este indigenista, empoderador ou transversalizador, mas que os discursos por eles

reproduzidos se devem ao papel decisivo de intermediação e traduções que jogam todos e cada um dos atores estudados em diferentes fases do processo de ‘transferência discursiva’. Pois é nos campos de transferência que os atores determinam quais “pantallas lingüísticas” projetam e dão a conhecer a outros atores com os quais querem construir juntos.

O livro é sem sombra de dúvida uma leitura cientificamente instigante, tanto por seu caráter analítico-teórico como por seu conteúdo empírico, o que o torna uma referência imprescindível para aqueles que estudam a temática da interculturalidade e que almejam melhor compreender como o discurso intercultural originário da Europa chega à América Latina, e como vai se incorporando a novas realidades e a partir destas vai ganhando novos significados. A obra em tela, além de possuir essa característica analítico-teórico, ainda nos propõe um modelo muito rico para analisar os processos de migração de discursos, sejam estes regionais, nacionais, internacionais ou transnacionais. Estamos, pois, frente a uma obra de grande relevância no campo dos estudos interculturais e, sobretudo no campo da educação intercultural.

## REFERÊNCIA

Dietz, G. 2012. *Multiculturalismo, interculturalidad y diversidad en educación. Una aproximación antropológica*. México: FCE.